AGRONA

Volume 02

Lanamar Pimenta

©2014 de Lanamar Pimenta
Direitos desta edição reservados

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em bancos de dados,
etc.), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.

Encadernado por www.clubedeautores.com.br
Brasil

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Pimenta, Lanamar
Agrona / Lanamar Pimenta |.
— Vitória, www.clubedeautores.com.br, 2014.
Volume 02 - 475 páginas

1ª impressão
ISBN 978-85-916601-3-1

1. Literatura Fantástica I. Título
2. Agrona – volume 02 — I. Título

Índices para catálogo sistemático
1. Agrona B869.3

Este livro é dedicado aos meus sobrinhos Vida e Sun;
e em memória do grande amigo Luciano Cardoso Stofel.

PREFÁCIO

Se vivemos num mundo que se impõe com os seus problemas individuais e coletivos, temos, igualmente, a capacidade de sonhar e ter esperança no futuro. Isso nos impulsiona, revitaliza a vida.

Ainda que seja o futuro uma grande incógnita, em regra todos sonham com um mundo melhor e projetam realizações edificadas no porvir.

Essa capacidade de idealizar é concreta e está intimamente vibrando nos corações das pessoas, adultas e crianças, ainda que os fatos demonstrem ser a Terra um planeta ainda repleto de problemas e desigualdades.

O poder íntimo de ver o amanhã melhor, um futuro de felicidade, é o que leva as pessoas a interagirem com as histórias dos livros, saboreando-as como se fossem reais, imortalizando em seus corações, em suas emoções, os inúmeros romances.

Assim, ***Agrona*** se apresentará para o leitor, como está sendo para mim: livro inteiramente prazeroso de ser lido, um romance com maravilhosa história recheada de fantasia e aventura num tempo longínquo da Terra, no qual a magia e mitologia aconteciam normalmente como nos contam as diversas lendas.

Ao iniciar a leitura deste romance, somos deslocados no tempo e no espaço e passamos a viver, juntamente com os personagens, em outra época e lugar, deliciando-nos e nos emocionando com as aventuras vividas por eles e por nós, integrantes que

passamos a ser da história, abduzidos pela narrativa envolvente de Lanamar que nos apresenta personagens apaixonantes, levando-nos a viajar com eles a locais inóspitos em busca do reestabelecimento da paz e do amor planetário, após vencer o mal; uma analogia perfeita à vida real e ao objetivo de todos em prol de nosso futuro terreno.

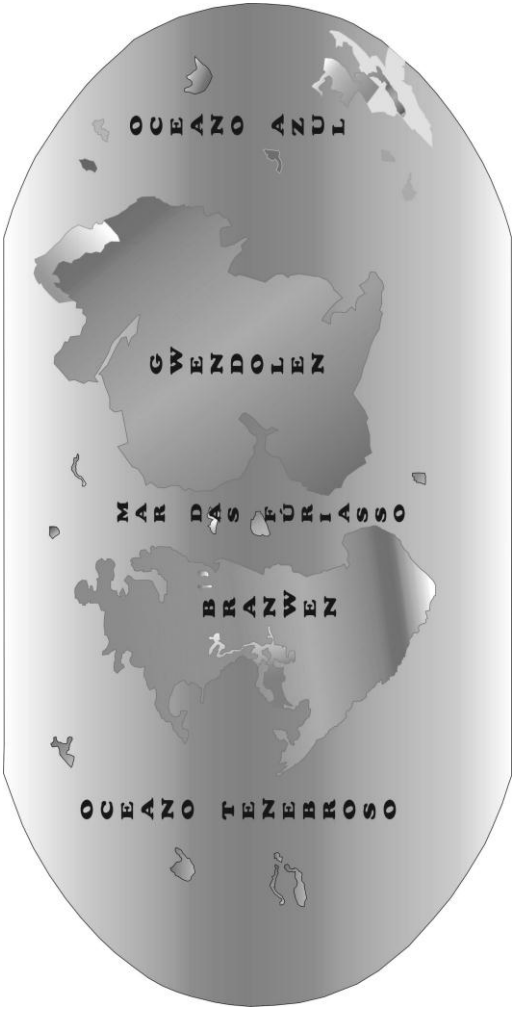
Agrona é um romance para ser lido e amado e nunca mais esquecido, porque, a par de uma história contagiante, representa a mais íntima e verdadeira aspiração por um mundo melhor, ainda que guerras aconteçam agora no planeta, como aquelas acompanhadas na história deste livro, sabendo, contudo, que podemos criar e recriar o planeta melhor para um tempo iluminado, um sonho por acontecer, possível de ser edificados por nós.

E com esse nobre objetivo, vale o mergulho na leitura desta belíssima história e entender que, embora as conquistas não sejam fáceis e simples, são possíveis de serem atingidas quando nos propusemos a lutar por elas, como as batalhas que foram empreendidas pelos personagens, enfrentando obstáculos quase instransponíveis, numa incansável epopeia contra o mal.

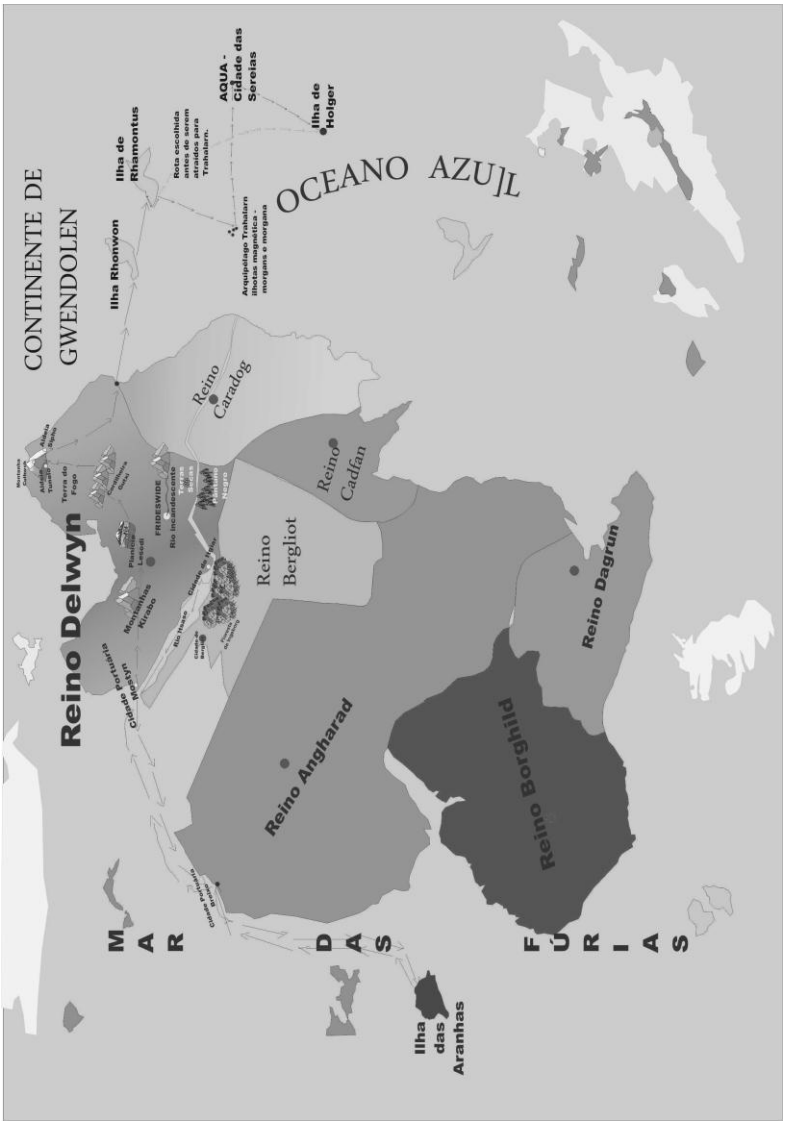
Parabéns Lanamar por nos brindar com tão maravilhoso livro que nos estimula ainda mais na crença das pessoas que se dedicam ao amor e desejam ardentemente um futuro de paz na Terra e nações fraternas que se ajudam e se respeitam.

Moacir Sader

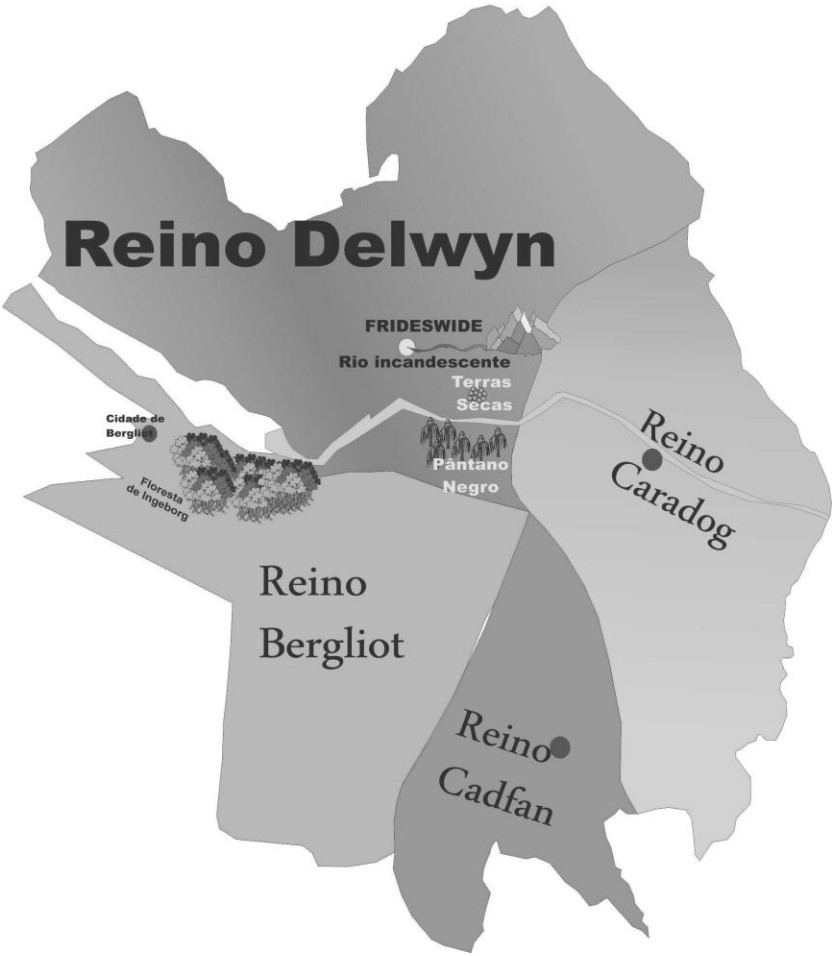
Mapa Mundi


OCEANO AZUL
GWENDOLEN
MAR DAS FÚRIASSO
BRANWEN
OCEANO TENEBROSO

As VIAGENS DA COMPANHIA



Viagem a Frideswide



Viagem a Spidewood



Viagem à Montanha Culhwch



Viagem até a Ilha Holder

SUMÁRIO

PARTE II

Capítulo 01 — A Aventura se inicia 15
Capítulo 2 — Uma olhada em Rhianon 63
Capítulo 3 — Princesa Delyth 73
Capítulo 4 — A Companhia segue para Spidewood 87
Capítulo 5 — O exército de Dagfinn segue para Cadfan 113
Capítulo 6 — A Companhia depara—se com seu primeiro Problema 129
Capítulo 7 — O Reino de Cadfan é sitiado 141
Capítulo 8 — A Guerra de Caradog e o Colégio Tasgall 151
Capítulo 9 — A Companhia viaja para a Terra do Fogo 183
Capítulo 10 — Subindo a Montanha Culhwch 197
Capítulo 11 — Encontro com Haakon 211
Capítulo 12 — A Companhia desce a Montanha Culhwch 227
Capítulo 13 — A Queda de Caradog 237
Capítulo 14 — Na Cidade Portuária de Mervyn 249
capítulo 15 — A Guerra de Delwyn 259
Capítulo 16 — A Ilha de Rhowon 271
Capítulo 17 — A Queda de Delwyn 285
Capítulo 18 — A Ilha Rhamontus 301
Capítulo 19 — Arquipélago Trahalarn 319
Capítulo 20 — Aqua – A cidade do povo das águas 363
Capítulo 21 — A guerra de Angharad 387
Capítulo 22 – Delyth 419
Capítulo 23 — A companhia chega à ilha holger 429
Capítulo 24 — A morte do mago 445

Epílogo 461

PARTE II

Capítulo 01

A Aventura se inicia

Ao sair da cidade de Rhianon a companhia seguiu direto através da floresta. O plano era ir até a cidade de Itziar, onde viviam os Elfos das Águas. De lá eles seguiriam de barco através do Rio Itsaso até a cidade portuária de Mostyn , no Reino Delwyn.

Eles caminharam rápido, conversando pouco. Todos tinham um só pensamento: as aranhas.

Nenhum deles tinha vergonha de reconhecer que estava com medo. As histórias que já tinham ouvido, durante suas vidas, sobre aquelas criaturas eram horripilantes.

Elas eram monstruosas e tinham um apetite voraz. E mesmo quando não estavam com fome, matavam por puro prazer. Porém, muito pior do que

ser morto por elas, era ser capturado pela rainha em época de acasalamento.

O infeliz que caísse em suas garras nessa ocasião não era morto na hora. Ela aprisionava-o em uma teia e tratava-o com todos os manjares disponíveis, para que ele engordasse bem. Depois, punha seus ovos dentro do corpo do infeliz e quando eles eclodiam, os filhotes da aranha devoravam-no de dentro para fora. Portanto, a premissa de encontrar-se frente a frente com esses bichos, era aterradora.

Esta primeira etapa da viagem seguia tranqüila, pois a Floresta de Ingeborg era o lar dos elfos e alí dentro não haveria perigo algum. Porém, Agrona estava sentindo-se inquieta e olhava a todo momento por sobre o ombro.

Observando Lleu, ela viu que ele estava agindo da mesma forma que ela. Aproximou-se mais dele e comentou, em voz baixa:

"Lleu, eu estou com uma sensação esquisita. Parece que estamos sendo observados. Você notou alguma coisa?"

"Sim." — respondeu ele — "Estamos sendo seguidos desde cedo."

"Seguidos!" — espantou-se Agrona. — "Mas por quem? Você já conseguiu vê-los?"

"Não, " — respondeu o rapaz — "seja lá quem for é muito bom no que faz. Seus passos só são ouvidos pelos elfos. Olhe em volta."

Agrona olhou para os membros da companhia e percebeu que apenas os elfos ficavam olhando para trás, enquanto caminhavam. Todos tinham o cenho franzido e a mão nas armas, em estado de alerta. Os outros não pareciam perceber nada.

Lleo olhou de volta para a moça e disse, em voz baixa:

"Já faz tempo que estou tentando descobrir quem nos segue. Tenho que admitir que estou curioso, não é qualquer um que consegue seguir um bando de elfos, por tanto tempo e não ser apanhado.

"Gummar e Bojan já se esgueiraram de nosso grupo, uma vez, fazendo uma volta e retornando por trás de nós, sem encontrarem ninguém.

"Seja lá quem for deve ser um grande guerreiro e extremamente hábil para não ter sido descoberto pelos elfos até agora.

"Realmente, estou muito curioso para conhecer esses caras."

Eles continuaram caminhando em silêncio, sempre observando por entre as árvores. Mas fosse quem fosse que os seguia, permaneceu invisível.

À noite, eles montaram acampamento e, depois de uma refeição, permaneceram sentados em grupos, conversando.

De repente, Agrona saltou em pé, com a espada nas mãos e os cabelos arrepiados.

Olhando em volta, ela notou que, desta vez, todos os outros tinham percebido alguma coisa, pois mesmo os que não estavam em pé, tinham as armas nas mãos e olhavam em volta, alertas. O ar parecia ter ficado pesado.

Agrona voltou-se para Lleu com uma pergunta no olhar e ele respondeu:

"Não é a mesma pessoa."

Todos ficaram esperando um ataque, mas depois de alguns minutos o ar ficou leve novamente e eles puderam respirar aliviados. Fosse quem fosse, havia partido.

Então, Borger, voltando-se para Lleu, perguntou:

"O que você quis dizer com 'não é a mesma pessoa'?"

"Nós estamos sendo seguidos desde cedo." — respondeu ele.

"Seguidos?" — várias vozes rapetiram ao mesmo tempo.

"Por quem...?"

"Eu não percebi nada..."

"Eu não sei por quem," — explicou Lleu — "apenas sei que são duas pessoas, mas ainda não consegui ver quem são.

"Porém, o que se aproximou do acampamento agora foi algo diferente. Não sei quem, ou o que era, mas pude sentir que era algo maligno."

Todos permaneceram em silêncio, até que Cerwyn disse:

"Acho melhor dormirmos. Vamos montar turnos de guarda, por via das dúvidas."

Todos concordaram e aos poucos a companhia adormeceu, sem que mais nada acontecesse.

Na manhã seguinte, bem cedo, após um rápido desjejum, eles prosseguiram a viagem e, antes do sol alcançar o meio do céu, a companhia saiu dos limites da floresta para um campo aberto.

Eles ainda deveriam caminhar o resto do dia até chegarem à Itziar. Por isso, continuaram andando até o sol ficar a pino, quando pararam para uma refeição ligeira.

Eles acamparam próximo a um pequeno lago, onde puderam refrescar-se e abastecerem-se de água. De um lado, havia várias árvores ainda com frutos.

Alegremente, os membros da companhia espalharam-se. Uns tomavam banho no lago, outros apenas ficaram deitados na grama e a maioria espalhou-se entre as árvores, colhendo frutas, que comiam com muitas brincadeiras.

Ethelinda saíra do lago e estava sentada na margem, penteando os cabelos preguiçosamente, imersa em seus pensamentos.

Seu devaneio foi interrompido pela sombra de alguém que parou atrás dela.

Ethelinda voltou-se sorrindo, para falar com a pessoa que chegara, porém seu sorriso congelou-se ao ver um enorme orgull, de olhos esgazeados, olhando para ela. O monstro já tinha levantado sua arma para arremessa-la na cabeça da moça.

Com um grito Ethelinda saltou para o lado, com a agilidade de um gato, escapando do golpe por centímetros. Ela não estava com suas armas por perto, um erro imperdoável, e agora tinha de livrar-se do monstro da melhor maneira que podia.

O orgull, apesar de enorme e grotesco, também era ágil e desviar-se de seus golpes não estava sendo fácil.

Seu grito, porém, havia chamado a atenção dos guerreiros, que já vinham correndo para ajuda-la.

Quando eles estavam aproximando-se, ouviram o zumbido de duas flechas passando por sobre suas cabeças.

As flechas acertaram o orgull, uma no peito e a outra na garganta. Quase que imediatamente, mais três flechas passaram sibilando, acabando de derrubar o monstro de uma vez por todas.

Atônitos os guerreiros rodearam o orgull morto, enquanto Lleu e Agrona olhavam em volta, tentando ver quem atirara. Não havia ninguém.

Lleu colocou as mãos ao lado da boca e gritou:

"Ei, você! Obrigado pela ajuda."

Ficou olhando na direção de onde as flechas tinham vindo mas ninguém respondeu. Agrona resolveu tentar também e gritou:

"Quem é você? Venha juntar-se a nós... Por favor, apareça, queremos agradecer."

Porém apenas o silêncio respondeu.

Desistindo, eles voltaram sua atenção para o orgull, enquanto Gunnar estava examinando as flechas.

"Que estranho," — disse ele — "vejam aqui, estas são flechas élficas."

"Como é que é...?" — perguntaram Einion e Austin ao mesmo tempo, e todos aproximaram-se para olhar. Gunnar continuou:

"Veja o formato como as penas foram cortadas e amarradas, e olhem aqui, a ponta da flecha. É feita de Seren. Só os elfos sabem como utilizar essa rocha para fazer flechas."

"Mas se eles são elfos, por que estão escondendo-se?" — perguntou Eirik intrigado — "E a agilidade com que usaram os arcos. Eu acho que um deles soltou duas flechas de uma só vez. Quem serão eles?"

Lleu apanhou as flechas das mãos de Gunnar e ficou muito tempo examinando-as. Depois disse:

"Isso é realmente muito estranho. Eu tenho certeza que estas flechas foram feitas em Rhianon. Porém eu conheço o estilo de fabricação de todos os nossos guerreiros e lhes digo que nunca vi este aqui antes.

"Olhe Gunnar, está vendo o jeito que as penas foram presas? E este nó; quem você conhece que dá um nó deste jeito?"

Gunnar coçou a cabeça olhando para a flecha e pensando por um tempo, depois respondeu:

"Não é de nenhum guerreiro que eu conheço, mas você tem razão. Definitivamente as flechas foram feitas em Rhianon."

Com mais esse mistério nas mãos, a companhia preparou-se para seguir viagem. Enquanto eles se preparavam, Gunnar foi até o local de onde as flechas partiram. Ficou muito tempo examinando o chão, as plantas, até mesmo as árvores. Depois voltou para junto dos amigos com o cerro cerrado.

"O que foi?" — perguntou Agrona.

"Fui até lá, para ver se havia algum rastro, alguma pista," — respondeu ele — "mas não encontrei nada, nem mesmo uma grama amassada.

"Seja quem for, esses caras são bons."

Dizendo isso, Gunnar jogou sua mochila nas costas e partiu resmungando.

Enquanto caminhava, Agrona comentou com Lleu.

"Eu estava achando que eles eram espiões de Dagfinn. Mas se fossem, não teriam ajudado Ethelinda, não é?"

Balançando a cabeça Lleu respondeu:

"Não, eles não são espiões. Mas eu gostaria de saber o que é que eles estão querendo. Eles são guerreiros muito bons e eu ficaria muito feliz se se juntassem a nós.

"Vamos esperar para ver o que pretendem. Na hora certa, eles vão se revelar."

A companhia seguiu viagem sem mais nenhum incidente e, ao início da noite, chegou à Itiziar.



Os Elfos das Águas eram iguais aos elfos de Rhianon. A única diferença é que não eram todos loiros. Alguns tinham cabelos castanhos, outros ruivos. No mais, eles eram iguais — altos, esguios e belos.

Do mesmo modo que Rhianon a cidade de Itziar também ficava protegida por mágica e só era vista por aqueles que fossem convidados a entrar.

A companhia chegou ao topo de uma colina e Lleu disse, apontando para o rio.

"Lá está o rio Itsaso e à suas margens fica a cidade de Itziar."

"Não vejo cidade alguma. " — disse Agrona.

"Ela está protegida de nossas vistas," — respondeu o rapaz — "você vai vê-la logo."

Assim que desceram a colina, três elfos apareceram do nada, com lanças na mãos. Todos pararam e Lleu destacou-se do grupo cumprimentando-os.

"Salve irmãos das águas!"

Um elfo alto, de cabelos pretos presos num rabo de cavalo no alto da cabeça, respondeu:

"Seja bem vindo, Lleu da floresta. Estávamos à espera de vocês. Como foi a viagem?"

"Sem nada de relevante." — respondeu o rapaz.

"Venham, as notícias já chegaram até aqui e o Rei Cadeyrn os espera."

Os três elfos lideraram o grupo para a direção do rio. Próximo à uma rocha de cor preta, eles pararam e o líder deles, levantando o braços disse:

"CARRVARNAR".

Apareceu na frente deles um portal igual ao de Rhianon. Eles atravessaram e, mais uma vez, Agrona espantou-se com a capacidade dos elfos de construírem o paraíso na terra.

A cidade de Itziar era belíssima. O grupo caminhava pelas ruas olhando em volta estasiados. As ruas eram pavimentadas por areia colorida. Cada rua era de uma cor diferente. As casas eram chalés com o telhado em forma de pagode enfeitados com dragões, unicórnios, fênix e muitos outros seres exóticos.

Os jardins eram maravilhosos, abarrotados de todo tipo de flores e com arbustos podados em formatos de animais e pássaros. As ruas eram ladeadas por árvores frutíferas.

Agrona notou que a cidade também estava preparando-se para a guerra. A movimentação era grande, todos atarefados e muitos guerreiros treinando.

Eles foram levados direto para o palácio real, que era um imenso pagode pintado em vermelho e

dourado. No topo do pagode havia uma enorme fênix de ouro elevando-se de chamas feitas de rubi.

A companhia foi introduzida num salão onde encontrava-se uma imensa mesa servida com um belo jantar para todos. O salão era suntuoso, a riqueza da decoração provocou em todos um silêncio respeitoso.

De pé, no meio do salão, estava o casal real esperando por eles.

Agrona prendeu o fôlego diante da beleza e do porte do casal. Os dois eram morenos, altos e elegantes. O rei vestia uma túnica feita de um pano muito macio que caía até os tornozelos em gomos elegantes. Era de um branco brilhante e estava presa na cintura por um cinto de ouro. Na cabeça, trazia uma coroa em forma de aro, passando pela testa. Era fina e tinha a mesma fênix, em ouro elevando-se das chamas em rubi, presa na frente. A fina coroa prendia seus longos cabelos pretos que caíam até o ombro.

A rainha estava vestida de forma parecida, porém seu vestido era feito de uma teia de ouro finíssima, que deixava entrever sua bela silhueta. Na cabeça, usava uma coroa igual à do rei e seus cabelos,

também pretos, caíam abaixo dos quadris, em grandes cachos.

O casal real recebeu-os com gentileza e, depois das formalidades, o Rei Cadeyrn convidou-os a sentarem-se para jantar.

Os guerreiros dirigiram-se à mesa e o Rei Cadeyrn fez um brinde ao bom êxito da viagem.

Durante o jantar eles conversaram apenas amenidades. Só após o término, foi que o Rei Cadeyrn tocou no assunto da guerra iminente.

"Vocês têm alguma informação sobre qual reino Dagfinn vai atacar?" — perguntou ele.

"Não soubemos de nada até o momento em que saímos de Rhianon." — respondeu Lleu.

"Mas eu acredito que ele vá atacar os reinos menores primeiro e, pela localização, Cadfan é a escolha mais provável."

O rei elfo refletiu por um momento e depois disse:

"Eu acho que você está certo. Cadfan além de ser menor e menos protegido, servirá de base para que ele ataque em seguida Caradog e Delwyn.

Depois de uma pausa, o rei continuou.

"Meus homens já estão preparados para a guerra. Vou posicioná-los nos arredores de Cadfan e, assim, preparar um surpresa para o bruxo.

"Mas agora vocês devem descansar. A viagem até a cidade portuária de Mostyn é longa e perigosa."

O Rei Cadeyrn fez um gesto e vários servos apareceram. Ele acrescentou:

"Seus aposentos já foram preparados. Tenham uma boa noite de descanso e deixem para preocuparem-se com a viagem depois que amanhecer."

Todos se levantaram e esperaram o casal real deixar o salão; depois seguiram os servos para seus aposentos.



O dia amanheceu com um sol radioso e os guerreiros levantaram-se bem cedo. Após o desjejum, seguiram para o porto, onde dois grandes barcos já os esperavam.

Os barcos eram fortes, com linhas elegantes e confortáveis. A companhia dividiu-se em dois grupos, metade em cada barco, que seriam conduzidos por três elfos cada.

O casal real apareceu para se despedir e, depois de desejarem boa sorte, eles partiram.

O Rio Itsaso era imenso e caudaloso. Era tão largo que não era possível ver a outra margem.

Os elfos da neblina, os anões, os gnomos e os centauros não se sentiam muito à vontade em barcos. Estavam acostumados a caminhar, porém eles sabiam que por água a viagem seria mais rápida e com menos possibilidade de encontrarem espiões de Dagfann. Por isso, sentaram-se em seus lugares e se conformaram. No entanto, aos poucos, eles foram se sentindo mais seguros, pois o barco deslisava pelo rio com rapidez e suavidade.

Eles viajaram a manhã inteira e, quando o sol estava a pino, um dos elfos das águas disse que era hora de tomarem uma refeição. Dirigindo-se para uma pequena cabine, na popa, o elfo puxou um pano que cobria algumas caixas. Então ele exclamou, surpreso:

"Mas ora vejam só!"

Todos se voltaram para olhar e viram o rapaz dar um pulo entre as caixas e agarrar alguma coisa.

O elfo voltou-se para os outros segurando, pela gola da camisa, dois meninos e disse rindo:

"Parece que encontrei clandestinos."

Todos ficaram parados, boquiabertos ao virem seguros pelo elfo, Ælfwine e Cadwalader.

Agrona deu um grito e correu para perto dos meninos, seguida por Lleu, Llyr, Einion e Austin.

"Pelo Pai! O que é que vocês estão fazendo aqui?" — perguntou a moça.

"Como é que vocês chegaram aqui?" — perguntou Lleu

Os dois garotos olharam um para o outro, sem saberem o que dizer. Lleu falou, zangado:

"Querem fazer o favor de se explicarem. Como foi que chegaram aqui?"

Ælfwine deu um passo à frente, levantou a cabeça e falou, com orgulho.

"Nós seguimos vocês. Nós também vamos lutar para descobrir o segredo do bruxo e destruí-lo."

Ninguém sabia o que dizer e olhavam para os garotos espantados.

"Oh, não!" — gemeu Agrona — "Vocês saíram de Rhianon escondidos? Como ninguém viu vocês saírem?"

Novamente os dois garotos olharam um para o outro, sem jeito, e foi Ælfwine quem novamente respondeu:

"Nós passamos a noite do lado de fora do portal e quando vocês partiram, nós os seguimos. Foi simples."

"Rhianon deve estar em polvorosa, procurando por vocês," — disse Lleu, preocupado — "Será que não pensaram nisso?"

"Claro que pensamos." — respondeu o garoto — "Nós deixamos um bilhete avisando para onde estávamos indo."

"Muito esperto," — disse Lleu zangado — "porém a aventura termina aqui. Vocês dois vão voltar com o barco até Itziar, e eu vou enviar um aviso para alguém vir busca-los."

Cadwalader abaixou a cabeça desapontado, porém Ælfwine levantando a dele bem alto, colocou-se frente à Lleu, enfrentando-o.

"Ah! Mas não vamos mesmo." — disse o garoto — "Nós viemos até aqui e vamos seguir até o fim."

"Não vão não senhor." — disse Lleu — "Essa não é uma viagem de lazer. Vamos enfrentar perigos que nem nós podemos imaginar. Vocês dois são apenas crianças e não sabem se defender."

"Apenas crianças? Não sabemos nos defender?" — bradou o menino — "Não foi o que ouvimos você dizer." — e aqui o garoto disse imitando o jeito de falar de Lleu:

"Eles são guerreiros muito bons e eu ficaria muito feliz se se juntassem a nós."

Os guerreiros do barco olharam atônitos para os garotos, enquanto os três elfos das águas disfarçavam um sorriso.

"Foram vocês que mataram o orgull?" — perguntou Ethelinda, admirada.

"Eram vocês que estavam nos seguindo esse tempo todo?" — perguntou Agrona embasbacada.

Cruzando os braços, Ælfwine olhou sério um por um. Depois explicou:

"Eu e Cadwalader estávamos descansando após o almoço, quando ouvimos o grito de Ethelinda.

"Demos um pulo, já com os arcos nas mãos e, devo dizer, a primeira flecha partiu do arco de Cadwalader. Nunca vi tamanha rapidez."

Cadwalader ficou com o rosto vermelho e deu um sorrisinho sem graça.

"Para igualar a proeza dele, a única coisa que me restou foi usar duas flechas, no segundo tiro," — continuou Ælfwine — "mas isso não foi grande coisa, pois ele também sabe fazer isso."

"Bravo!" — disse um dos elfos das águas e imediatamente Lleu repreendeu-o, dizendo:

"Não comece a incentivar estes dois." — e voltando-se para os garotos, continuou — "Não importa que mataram o orgull. Nós vamos encontrar coisas muito piores pela frente. Portanto, vocês dois irão voltar."

Olhando-o sério, Ælfwine apenas respondeu:

"Vai perder seu tempo."

"E porque eu vou perder meu tempo?" — perguntou Lleu com voz zangada.

"Porque nós vamos fugir novamente e iremos ao seu encalço." — e, voltando-se para o companheiro de aventura, acrescentou — "Você pretende voltar para casa, Cadwalader?"

O garoto deu um passo à frente, parando ao lado do amigo, e disse com uma voz grave, olhando para os outros, muito sério:

"Eu vou seguir nesta viagem nem que seja sozinho. Aquele bruxo matou muitos conhecidos meus; obrigou meu pai a humilhar-se para proteger a família, e isto eu não perdôo.

"Eu sinto muito desobedecer você e o Rei Taranis, mas nada me fará voltar."

Lleu deu um profundo suspiro, exasperado, mas Agrona pode ver o brilho de admiração em seus olhos. Foi Bojan quem veio em socorro dos garotos.

"Lleu," — disse ele — "deixe os garotos irem..." — ele levantou a mão para interromper o protesto do rapaz e continuou — "Eles já provaram que podem se cuidar e eu vou toma-los sob minha responsabilidade."

O velho elfo, ainda mais sério que o seu normal, voltou sua voz trovejante para os dois garotos e disse:

"Ælfwine, Cadwalader. Vocês terão de viajar ao meu lado e me obedecer em tudo. Quando eu disser pulem, vocês terão de pular, e quando eu disser corram e escondam-se, vocês vão obedecer, sem discutir.

"Alguma dúvida quanto a isso?"

"Nenhuma, senhor." — os dois responderam prontamente.

Bojan voltou-se, então, para Lleu com uma sobrancelha erguida.

"Ora, tudo bem." — respondeu ele — "Que mais eu posso fazer? Vou enviar um aviso para o rei explicando que esses dois vão seguir viagem conosco."

Lleu foi para um dos lado do barco chamar um pássaro para enviar o recado, enquanto, felizes, os dois garotos eram cumprimentados pelo resto do grupo.

Enfim, todos se sentaram para fazerem a refeição do meio-dia. Enquanto comiam, Ælfwine falou de repente.

"Lleu, na noite antes do episódio do orgull, uma coisa aproximou-se do acampamento de vocês."

Todos se voltaram para o garoto e Lleu perguntou:

"Você viu quem era?"

"Nós estávamos acampados próximo de vocês. Não tínhamos acendido fogueira para não chamarmos sua atenção. Estávamos conversando e, de repente, vimos um vulto aproximando-se de vocês.

"Eu e Cadwalader apanhamos nossos arcos e fomos nos arrastando entre o mato, para tentar ver quem era. Foi quando vocês perceberam a presença dele.

"Quando Agrona saltou com a espada, o vulto estacou onde estava. Ele ficou apenas olhando vocês e virava a cabeça de um modo esquisito, igual um cachorro faz quando alguma coisa lhe chama a atenção."

O garoto parou de falar e ficou olhando para o alimento. Lleu esperou um pouco e, então, perguntou:

"E como era ele? De onde vocês estavam, conseguiram vê-lo?"

"Não," — respondeu Cadwalader — "só conseguíamos ver um vulto escuro.

"Nós resolvemos chegar mais perto. Com os arcos armados, fomos engatinhando na direção dele. Ele se moveu e as chamas da fogueira de vocês iluminou-o por alguns momentos e nós o vimos..."

O garoto parou de falar e respirou forte. Os guerreiros olharam um para o outro com os cenhos franzidos e Agrona perguntou, num sussurro.

"E aí? Quem era ele?"

Os dois meninos olharam um para o outro, parecendo não saber o que dizer. Os dois falaram juntos:

"Era um..."

"Era uma..."

Os dois interromperam-se olhando-se novamente e Lleu viu gotas de suor na testa de Ælfwine, que fez um gesto para que Cadwalader continuasse.

"Era uma espécie de fantasma, um espectro. Ele parecia ser feito de poeira que tremulava à luz da fogueira e eu podia ver as árvores através dele..."

O garoto calou-se e Ælfwine continuou, depois de uma certa hesitação.

"Ele estava olhando na direção de vocês. Nós ficamos com medo e procuramos ficar o mais imóvel possível.

"Foi aí que ele virou-se para nosso lado e olhou-nos diretamente nos olhos. Era como se ele soubesse exatamente onde estávamos escondidos..." — o garoto fez mais uma pausa e, depois, continuou num sussurro.

"Eu nunca senti tanto medo na minha vida. Eu... eu fiquei congelado onde estava e meus cabelos levantaram.

"O... seja lá o que fosse, abriu um grande sorriso, o que me deixou ainda mais apavorado. Depois, bem devagar, quase com elegância, ele fez uma mesura para nós, acenou com a mão e desapareceu no ar."

O garoto calou-se novamente. Ninguém disse nada. Sob um pesado silêncio, eles acabaram a refeição.

Então Cadwalader perguntou, para ninguém em especial:

"Quem era aquela coisa?"

Ninguém respondeu. Depois de um tempo, Gunnar disse:

"Só pode ser uma coisa. Dagfinn já sabe de nossa jornada e mandou um espião. Alguma cria de suas bruxarias."

"Bem, isso significa que devemos tomar cuidado dobrado." — disse Borger — "Essa coisa devia ser apenas um espião, mas agora o bruxo vai mandar alguém para nos atrapalhar.

"É bom estarmos prevenidos. Se aquilo era apenas um espião, não quero pensar no que ele vai enviar para nos enfrentar."

Voltando-se para os garotos, Lleu perguntou:

"Vocês têm certeza de que desejam seguir viagem? Não seria deshonra nenhuma se preferirem voltar."

Os dois garotos apenas olharam para ele e sorriram.



A viagem através do Rio Itsaso continuou tranquila, e, na manhã do segundo dia, eles ouviram o grito de um dos guerreiros avisando sobre alguma coisa na água.

Todos correram para a amurada do barco e viram aproximar-se uma enorme serpente.

Um dos elfos das águas riu e disse:

"Não se preocupem, ela é mansa. Estão acostumadas a seguir nossos barcos e vêm à superfície em busca de petiscos."

O elfo pegou, de um canto do barco, um enorme ramo de uma planta com folhas verdes claras e pequenas frutas vermelhas. Chegando na amurada, ele emitiu uma espécie de grito meio cantado. Para assombro de todos, a serpente emergiu na superfície da água e foi subindo numa altura espantosa. Lá do alto, sua enorme cabeça quadrada curvou-se para olhar os homens no barco, que prendiam a respiração.

A serpente possuía grandes escamas de um verde brilhante e a barriga lisa e amarelada. Dos dois lados de sua cabeça quadrada saíam barbatanas iguais às dos peixes, onduladas e tão finas que chegavam a

ser transparentes. Elas eram verdes com as bordas douradas.

A boca tinha lábios parecidos com os dos humanos, grandes, grossos e bem vermelhos e os olhos eram de um laranja vivo e brilhante.

A criatura ficou um tempo parada, lá no alto, observando os pequenos seres na embarcação. Então, o elfo, levantando o galho, emitiu novamente o estranho canto.

A serpente abaixou a cabeça em direção ao barco, lenta e elegantemente. Seus olhos perscrutaram os guerreiros, depois fixou-os no elfo que aproximou o ramo em sua direção. O bicho entreabriu os lábios, deixando ver uma fileira de dentes finos, parecendo punhais. Com um delicadeza surpreendente, abocanhou o galho mastigando-o com prazer, enquanto sacudia as barbatanas como um cachorro balança o rabo para expressar contentamento.

Quando terminou de comer, fez um barulho engraçado com os lábios e depois virou a cabeça na direção do outro barco, que viajava ao lado e abocanhou o galho que o outro elfo segurava. Quando

terminou, repetiu o barulho, o que fez Agrona e os meninos caírem na risada.

"Ela parece estar agradecendo." — disse a moça ainda rindo.

"E está," — respondeu o elfo — "essa raça vive tanto em água doce quanto salgada. Elas habitam grandes cavernas no fundo do rio, mas às vezes viajam até ao mar.

"São muito dóceis, porém ao sentirem-se acuadas, destroem o maior navio em poucos segundos.

"Nós costumamos montá-las de vez em quando."

"Montá-las?" — perguntou Ælfwine, com os olhos brilhantes, o que que fez Lleu acrescentar:

"Não comece a ter idéias."

Todos riram e o elfo das águas continuou sua explicação:

"Uma vez por ano, no Festival das Águas, nós fazemos uma espécie de procissão até ao mar.

"Seguem junto muitos barcos enfeitados e pelo menos uns trinta jovens cavalgando as serpentes, liderados pelo casal real.

"É uma festa muito bonita."

O jovem elfo fez uma pausa olhando para a serpente com carinho. Depois disse:

"Quando toda essa confusão provocada por esse mago terminar, vocês estão convidados a virem participar do festival." — e olhando para os garotos, acrescentou:

"Tenho certeza que posso arranjar para que vocês dois cavalguem uma serpente. Acho que merecem, depois dessa jornada em que vão se meter."

Ælfwine e Cadwalader olharam um para o outro e deram um grito de alegria, provocando mais risos.

Todos ficaram observando, enquanto a serpente mergulhava de volta nas águas, desaparecendo. Einion então perguntou:

"Esse é um rio muito profundo, não?"

"Muito," — respondeu o elfo — "tem lugares abissais e nem todas as criaturas que vivem aqui são gentis. Mas quando as serpentes estão por perto, as outras criaturas não ousam nos atacar."

Desse modo, eles continuaram sua jornada sem muitas novidades. Os barcos eram fortes e

confortáveis; impulsionados por uma grande vela, branca com largas listras vermelhas, os barcos singravam o Itsaso em boa velocidade. No final do segundo dia de viagem, eles estavam aportando na cidade portuária de Mostyn, no reino Bergliot.

Os guerreiros desceram dos dois barcos e os elfos das águas retornaram para Itziar após se despedirem e desejarem à todos boa sorte.

Depois das explicações dadas às perguntas feitas pelos guerreiros do segundo barco, sobre a presença dos meninos, eles seguiram em busca de alojamento para aquela noite.

Na manhã seguinte, dividiram-se em grupos para providenciarem os preparativos para a viagem de navio. Marcaram para encontrarem-se no porto assim que cada grupo terminasse suas tarefas.

Lleu e Borger seguiram em busca de um navio. A tarefa foi mais difícil do que esperavam pois, toda vez que mencionavam a ilha das aranhas, os marinheiros desistiam da viagem.

Com muito custo, alguém lhes indicou uma taberna onde poderiam encontrar ajuda. Disseram-lhes

que procurassem o Capitão Einar. Ele possuía um grande navio com uma tripulação forte e corajosa e já havia feito essa viagem uma vez.

Lleu e Borger seguiram para a tal taberna e lá encontraram o tal capitão. Era um velho marinheiro, calejado, com a pele curtida pelo sol e os cabelos loiros emaranhados.

Estava sentado a um canto, bebendo uma caneca de hidromel e segurando um cachimbo nas mãos.

Os rapazes aproximaram-se da mesa, apresentaram-se e explicaram a que vieram. O velho marinheiro olhou-os com olhos perscrutadores muito vivos e, com uma voz rouca, convidou-os a sentar. Pediu que fosse servido hidromel para os dois e, em seguida, perguntou:

"O que vocês pretendem naquele lugar?"

"Precisamos conversar com a rainha." — respondeu Lleu.

O velho marinheiro arregalou os olhos por cima da borda do copo, afastou-o da boca e, com um sorriso torto, repetiu: